



NEGÓCIOS INICIATIVAS Be Well Global Health Conference

“A saúde pública é matéria política”

O painel sobre a saúde em Portugal alertou para o problema das infeções no sistema de saúde e de resistência aos antimicrobianos da diabetes, mas também dos prováveis efeitos que a crise pode ter no sistema público de saúde.

FILIPE S. FERNANDES

“A saúde pública é matéria política e só com uma perspectiva forte de políticas públicas se podem abordar as ameaças e os desafios que neste conturbado século XXI se colocam à humanidade não só no plano nacional como internacional”, disse Jorge Sampaio, ex-Presidente da República, na sua intervenção como “chairman” da Be Well Global Health Conference, que se realizou no Meo Arena em Lisboa no sábado, 1 de Outubro, e contou com a presença de mais de 3 mil assistentes relacionados com as actividades da saúde. Adiantou que “na saúde jogam-se também os direitos humanos enquanto campo de assinatura e construção da dignidade humana e do desenvolvimento sustentável”. Esta linha de pensamento foi reforçada pela comunicação de Vasco Vieira de Almeida, o advogado que falou de direito à saúde, que referiu que o direito à saúde e ao bem-estar não fazem parte dos direitos e garantias de liberdade da Constituição, mas constam dos direitos sociais e económicos. Há um dever de protecção na saúde e, portanto, de financiamento dos sistemas nacionais de saúde.

A realidade da saúde em Portugal fez parte deste fórum de reflexão. A prescrição de antibióticos aumentou em 2015 revelou Paulo André Fernandes, director do PPCIRA (Programa de Prevenção e Controlo de Infeções e de Resistência aos Antimicrobianos). Sem revelar números, por ainda estarem em consolidação, Paulo André Fernandes salientou que este aumento afecta um dos pilares na luta contra os microorganismos multiresistentes. A outra componente é a luta contra as infeções no sistema de saúde que implica novas formas de organização e de cumprimentos de normas no sistema de saúde o que inclui hospitais, centros de saúde, de cuidados continuados e lares. Mas não só. A bactéria MRSA, o “staphylococcus aureus” resistente à metilina e outros antibióticos, foi encontrada em 33% dos autocarros de transporte público de Lisboa e em 26% nos do Porto como revelam dois estudos científicos.

O director do PPCIRA referiu que estas infeções têm custos associados de 300 milhões de euros. A ONU decretou em 21 de Setembro a luta global contra a resistência antimicrobiana. Segundo um estudo recente, se nada fosse feito, estas infeções do sistema de saúde e a resistência provocariam, a partir de 2050, 10 milhões de mortos no mundo, 390 mil dos quais na Europa.

Diabetes e inovação

“A doença da diabetes tem cus-



tos directos de 1,54 mil milhões de euros, o que representa 0,9% do PIB e 10% das despesas de saúde”, afirmou José Luís Medina, presidente da Sociedade Portuguesa de Diabetologia, na sua intervenção. Referindo-se a esta doença como uma pandemia, revelou que em 2013 morreram em todo o mundo cinco milhões de pessoas com a diabetes, mais do que com a tuberculose (1,5 milhões), VIH/Sida (1,5 milhões) e malária (0,6 milhões). Salientou que a sua incidência em Portugal é grande, cerca de 40% da população tem diabetes ou é pré-diabética.

José Luís Medina disse que há cada vez mais evidências sobre a relação da diabetes e as desigualdades sociais e de rendimento. O que mostrou a pertinência da conferência de Richard Wilkinson, que demonstrou que nos países com níveis de desigualdades de rendimento mais elevados tem maiores impactos negativos em áreas tão diversas como a mortalidade infantil, os níveis de

encarceramento, a felicidade e a confiança da população, o sucesso escolar ou os níveis de literacia.

Os impactos dos novos medicamentos, dispositivos, tratamentos e abordagens à doença estiveram também em destaque na conferência e foram referidos como novas esperanças no tratamento das doenças cerebrovasculares e oncológicas. “É cada vez mais complexo tratar um doente oncológico e implica articulação. Os cuidados são centrados no doente e isso tem impacto na forma de organização. A oncologia moderna é multidimensional e multidisciplinar”, referiu Gabriela Sousa, presidente da Sociedade Portuguesa de Oncologia.

Por sua vez, sobre as doenças cardiovasculares, João Morais, director do Serviço de Cardiologia do Centro Hospitalar de Leiria, mostrou como foi bem-sucedido o foco no enfarte de miocárdio, que era uma das principais causas de morte, que fez baixar o índice de morta-

lidade das doenças cardiovasculares. Salientou como desafios para o futuro a redução dos AVC, dos casos de morte súbita e das insuficiências cardíacas. João Morais refere que ainda está por saber qual foi o impacto da crise económica e financeira no sistema de saúde nas doenças.

A inovação atravessou as várias intervenções até porque, como referiu Vítor Virgínia, director-geral da MSD, “se me pedissem para resumir numa única palavra as últimas décadas na área da saúde escolheria a palavra inovação”, acrescentando que “as últimas décadas têm sido extraordinárias na evolução da ciência, da tecnologia e da medicina com o aumento significativo da esperança de vida, da capacidade de fazer frente à doença, da melhoria do bem-estar”.

A conferência contou ainda com as intervenções de Jorge Soares, director do Gulbenkian Programme for Innovation in Health, e Raul Vaz, director do Negócios. ■



Uma iniciativa da MSD em parceria com o Negócios

Apoios: Fundação Calouste Gulbenkian e Câmara Municipal de Lisboa

David Martins

Tecnologia pode ajudar à uberização da saúde



Larry Brilliant, presidente da Skoll Global Threats Fund, abriu a conferência Be Well Global Health. Outros oradores foram Jorge Sampaio, ex-Presidente da República, Joel Selanikio, CEO da Magpi, e Paulo André Fernandes, director do PPCIRA.

A tecnologia é importante para fazer face à doença, como referiu Joel Selanikio, mas a conjugação de esforços entre países e organizações é decisiva salientou Larry Brilliant.

O potencial do "big data" na saúde pode levar a uma espécie de uberização da saúde com o aparecimento de plataformas tecnológicas capazes de fazer a ponte entre os pacientes e os cuidados de saúde sublinhou Joel Selanikio, CEO da Magpi, na primeira Be Well Global Health Conference que se realizou no passado 1 de Outubro. Foi organizada pela MSD e pelo Negócios e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal de Lisboa.

Joel Selanikio, médico pediatra, que trabalhou em sistemas de informação em Wall Street, sublinhou a oportunidade que os telemóveis representam para a melhoria e a produtividade dos sistemas de saúde, a que se ainda junta a capacidade de armazenagem e análise de dados de que as tecnologias de informação hoje são capazes. São um produto massificado e que permite a conectividade e deu um exemplo prático vivido quando entre Dezembro de 2014 e Janeiro de 2015 foi líder no Centro de Tratamento do ébola em Lunsar, Serra Leoa. Explicou que uma das formas de se conseguir rapidamente determinar os focos da doença foi pedir que as pessoas des-

de as mais remotas aldeias da Guiné, Serra Leoa e Libéria enviassem uma mensagem a dizer ébola#0.

Referiu ainda que a tecnologia poderia simplificar ainda mais a burocracia associada à prática clínica. Nos Estados Unidos, um médico passa uma hora com o paciente e duas a preencher dossiês e relatórios clínicos. Com a tecnologia, o médico poderia libertar uma hora para a prática clínica.

A conferência foi aberta por Larry Brilliant, presidente do Skoll Global Threats Fund, que tem como coroa de glória, da sua vida de médico de saúde pública nos Estados Unidos ou ao serviço da OMS, a erradicação da varíola entre 1973-1976 na Índia, que matava mais de dois milhões de pessoas. Em 1979, foi co-fundador da Seva Foundation, que, juntamente com o Aravind Eye Hospital devolveu a visão a mais de 3 milhões de pessoas em 20 países.

Salientou que as forças que defendem o regresso às fronteiras e ao interior dos países que hoje se fazem sentir, como o Brexit, os nacionalismos, os fundamentalismos, podem colocar em causa o modelo global de combate às epidemias e às doenças, o que "implica colaboração entre todos". Não deixou de mostrar a sua esperança nas crescentes parcerias entre instituições de saúde pública, cujos méritos defendeu, e fundações

privadas, empresas e multinacionais. Neste caso estão o CORDS (Connecting Organisations for Regional Disease Surveillance), um grupo de vigilância em rede de doenças regionais, agências da ONU e fundações, e uma unidade no seio da Organização Mundial de Saúde (OMS) chamado de Global Outbreak Alert and Response Network (GOARN) da OMS, que prevê uma resposta imediata após a detecção dos primeiros casos de certos patógenos e programas de treinamento como o programa EPI da CDC e os programas TEPHINET globais. Fez referência ainda à necessidade de combater as ameaças globais como as alterações climáticas, as pandemias, a proliferação nuclear, a segurança da água e os conflitos regionais.

A conferência teve como conferencista final foi Eric Weiner que relatou a sua viagem pelo mundo em busca da felicidade que plasmou no livro "A Geografia da Felicidade". Como referiu, "durante anos, cobri inúmeras catástrofes, naturais ou provocadas pelo homem. Mas em 'A Geografia da Felicidade' decidi contar o outro lado da história visitando alguns dos países mais felizes do mundo". Não há fórmulas mágicas, mas existem formas de vida e de convivência que permitem que a felicidade seja possível. ■

A saúde e a Síria

Jorge Sampaio, "chairman" da conferência e enviado especial do secretário-geral da ONU para a Luta Contra a Tuberculose (2006-2007), pediu ainda às mais de 3 mil pessoas dedicadas à área da saúde que apoiassem e ajudassem na formação complementar para 200 médicos da Síria para evitar que, depois do fim de uma guerra fratricida e sangrenta, não se suceda uma crise sanitária. Desde o início da guerra na Síria, foram mortos mais de 700 médicos, cerca de 50% dos profissionais de saúde fugiram do país e muitos estudantes de Medicina abandonaram os estudos. O projecto SOS - Focus on Syrian Medical Students & Doctors está integrado na Plataforma Global de Assistência a Estudantes Sírios, que o ex-presidente lançou em 2013 e já permitiu a cerca de 135 estudantes universitários sírios prosseguirem os seus estudos.